**AVALIAÇÃO: UMA POSTURA POLITICO-PEDAGOGICA DA AÇÃO DO TUTOR AO EDUCADOR ESCOLAR, VISANDO UMA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.**

Autora: Carla Patrícia Motter [[1]](#footnote-2)

 Ivo José Both²

**RESUMO**

O tutor educador precisa ter claro seu posicionamento político-pedagógico para efetivar o seu trabalho, para isso precisa saber se ele é um educador que mantém o modelo tradicional de avaliação ou auxilia para a transformação social. Esse trabalho tem como objetivo levantar subsídios teóricos para uma proposição de possíveis soluções para a prática da avaliação, e de fazer uma abordagem sobre a atuação e a importância do Tutor dentro da instituição. O Tutor tem um papel importante na constatação e no auxilio para uma avaliação mais efetiva devendo ser um orientador e facilitador nesse processo.
 A avaliação representa um dos pontos vitais para o alcance de uma prática pedagógica competente no que diz respeito à transformação social. Pouco se conhece e se ensina sobre a questão da avaliação. Muitas vezes o tutor é visto e confundido como um simples telespectador, incumbido só e tão somente de manter a ordem e de assegurar a confirmação do aluno em sala. O afastamento do aluno da presença física do professor regente é suprida pela mediação presencial do tutor bem como pelo envolvimento deste com o conteúdo pretendido.Porém,organizar atividades e grupos de estudo,lançar informações,acompanhar dificuldades,fazendo a ligação emocional do processo virtual,são também tarefas que o tutor deve desenvolver como ferramenta de apoio para a boa relação do aluno com a administração da instituição e seu corpo docente. Hoje se vislumbra uma preocupação sobre esse assunto, principalmente nos profissionais mais conscientes do contexto em que vivem. O interesse por esse assunto surgiu das dificuldades encontradas na avaliação, na prática e pela constatação que cada indivíduo aprende de jeitos diferentes, assim buscamos contribuir para que ocorram mudanças na forma de avaliar.

Palavras-chave: Avaliação. Tutor, Educador.

**I - INTRODUÇÃO**

 Não há dúvidas que um dos assuntos mais polêmicos da Educação gira em torno da avaliação. Nesse trabalho não existe a intenção de apresentar novas teorias ou grandes novidades sobre a avaliação, mas propor uma pequena reflexão sobre a mesma e a importância do papel do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem.

A grande complexidade da avaliação deve proporcionar diferentes formas de entendimento no processo ensino e aprendizagem. É necessário valorizar o conhecimento do aluno, as experiências que traz ao longo da sua história de vida. O educador precisa ter a sensibilidade em perceber que o ser humano não demonstra todo o conhecimento que possui em qualquer contexto.

A avaliação tem se tornado um dos principais problemas da educação escolar, basta verificar os baixos índices de aprendizagem. A construção de outro cotidiano escolar exige trabalharmos com as dimensões éticas necessárias a construção de uma cidadania ativa, onde a participação de todos, gere uma gestão escolar democrática e facilitadora de novos movimentos de conscientização como forma de contribuir para novas reflexões e proposições.

 No exercício de uma cidadania ativa, de uma vivência ética nos espaços e tempos das instituições, esta proposição pode ampliar possibilidades de encontro, do sujeito consigo mesmo, com os outros, com o mundo e suas complexidades.

Faz--se necessários novos modos de ensinar, aprender e avaliar dando novos significados às relações interpessoais e criar, desta forma, novas relações com o próprio processo de construir conhecimentos, novos comportamentos, novos estímulos de percepção, novas racionalidades e novas visões de mundo. A avaliação exige um novo posicionamento que dê ao professor o suporte para controlar a qualidade do processo ensino e aprendizagem.

 O desafio que se configura, então, é pensar como nossas instituições, sejam escolas, ou universidades e em suas ações cotidianas, podem organizar ações educativas que atendam a demanda do momento histórico, residindo nos projetos político-pedagógicos a busca por coerência entre as práticas de ensino-aprendizagem e os novos paradigmas científicos que, no contexto das emergentes mudanças, devem estar presentes nas reformulações pedagógicas.

 Assim este trabalho pretende auxiliar para o desencadeamento de ações conjuntas entre professores, alunos e psicopedagogos, para alcançar resultados positivos com relação à avaliação escolar. Tem o objetivo de levantar subsídios teóricos para uma proposição de possíveis soluções para a prática da avaliação onde iremos procurar detectar qual a visão dos professores em relação à avaliação, considerando sua inclusão no contexto sócio, econômico e político. Iremos determinar um histórico da avaliação; verificar que informações são efetivamente usadas no processo de avaliação do aluno; identificando a postura dos professores enquanto educadores; identificar alguns pressupostos teóricos que orientam a prática avaliativa do educador; e determinar a importância do tutor no processo da avaliação.

 Será abordado o tema da avaliação, inicialmente através de pesquisa bibliográfica em materiais de alguns autores como Luckesi, Vasconcellos, Soares e Demo que têm denunciado a avaliação seletiva, discriminatória e técnica, e que a mesma tem deixado dimensões de suma importância abandonadas.

Verificaremos como os professores atuam na avaliação escolar através da aplicação de questionário e a partir daí, faremos uma análise cuidadosa em diálogo com a teoria, permitindo chegar a algumas sugestões na prática da avaliação. Neste contexto, abordaremos o trabalho do tutor como norteador dos procedimentos necessários ao trabalho com alunos que apresentam problemas de aprendizagem e na instituição de ensino.

**2 HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

A preocupação com a Avaliação da aprendizagem escolar é um tema recente, voltado particularmente para a mudança do comportamento humano. As primeiras discussões vieram via psicologia da educação, na época em que os primeiros laboratórios de psicologia experimental, criados na Alemanha, começavam a ganhar condição de Ciência.

Os professores em suas avaliações passaram a valorizar os testes, as escalas de atitude, as questões de múltipla escolha, as provas objetivas, desde que estivessem de acordo com a elaboração dos planos de ensino que comportassem a formulação adequada dos objetivos educacionais, instrucionais, estratégicos, procedimentos e sistemática de avaliação, pois era o parâmetro de julgamento de quem era “um professor competente”. Surgiram muitos cursos e palestras para treinar os que desejavam ou atuavam na docência. Eram cursos muito disputados, pois participar representava futura contratação ou promoção na carreira. No final da década de 70, começaram a surgir teorias com bases mais amplas, que procuravam explicar as relações entre indivíduos, educação e sociedade.

È necessário que aconteça a intervenção pedagógica, que é a atitude, ou o comportamento do tutor,que se coloca como facilitador,incentivador ou motivador da aprendizagem,quês e apresenta como uma atitude dinâmica,não estática,entre o aluno e o estudo,destacando o diálogo,a troca de experiência,o debate e a proposição de situações problemas, provocando ou facilitando que os alunos tenham respostas,podendo interar em grupo ou individual,facilitando o aprendizado,proporcionando melhor caminho entre alunos e o objeto,de conhecimento,tendo noção de avaliação com sinônimo de medir valorizava principalmente características, objetividade, fidelidade das informações que possibilitassem a manipulação matemática dos dados, recebeu críticas em função de ser uma noção simplista. Porém a trajetória da avaliação da aprendizagem, influenciada pela avaliação em relação aos objetivos curriculares prosseguem, uma vez que continua a ser compreendida como uma dimensão de controle do planejamento curricular. A nota é apenas uma representação simbólica, deveria expressar que o sujeito foi capaz de construir o seu conhecimento com a mediação do professor.

No Brasil, a avaliação da aprendizagem trilhou o caminho da produção norte-americana baseada nos testes educacionais, as provas passaram a ser como técnicas de construção, tidas como instrumentos de medida do rendimento do aluno. Essa influência impregnou o ambiente acadêmico brasileiro, cujas obras foram adotadas pelos cursos de formação de educadores, passando a serem leis, decretos e pareceres que orientaram as práticas de avaliação nas escolas. Ao longo dos anos a avaliação vem se apoiando em práticas totalmente tradicionais.

Hoje muitos educadores comprometidos com a educação sentem necessidade de mudanças a sua prática da avaliação. Buscam alternativas para possíveis soluções aos altos índices de baixo rendimento escolar.

**2.1** **Avaliação como questão política**

 Comumente a avaliação é entendida como o resultado de testes, provas, trabalhos ou pesquisas que são dados ao aluno e aos quais se atribui uma nota ou conceito para a aprovação ou não. No entanto, a avaliação acompanha todo o processo de aprendizagem e não só um momento privilegiado de prova ou teste. A avaliação tem a necessidade de olhar o educando como ser social, sujeito do seu próprio desenvolvimento.

A escola, portanto não é apenas um local onde se aprende um determinado conteúdo escolar, mas um espaço onde se aprende a construir relações com as coisas e com pessoas, onde os seres humanos interagem com os outros como a escola sonhada por Paulo Freire.

Logo, discutir o papel da avaliação na construção e no desenvolvimento de uma consciência cidadã é importante para a tomada de decisões, para ética e para reflexão de um posicionamento crítico em função do mundo excludente e seletivo no qual estamos inseridos, visto que, na atual conjuntura os professores são desafiados constantemente para a renovação de suas práticas educacionais. Entre elas está a necessidade de atualização dos profissionais de educação, a capacidade de contextualizar os conteúdos de ensino à realidade do educando, a utilização e a atualização de recursos didáticos deixando conteúdos monótonos, insípidos e entediantes, a fim de tornar as aulas dinâmicas e prazerosas dentre tantas outras coisas.

 Segundo Esteban, (2000, p.103), diz que a avaliação, “o que a gente vê, tem o objetivo somente de  trabalhar  aquele    determinado  conhecimento  que o professor trabalhou em sala de aula e pronto. Quer  dizer que é medir mesmo, se o aluno aprendeu ou se não aprendeu”. Os professores nas escolas se preocupam muito com do final do ano, na  aprovação  e na reprovação, só  tem  como objetivo dar nota ou conceito. Partindo dessa visão de Esteban, podemos perceber como o conceito de avaliação está distorcido, a preocupação com conceitos e notas leva os professores a fazerem uso de uma avaliação mecânica com objetivo apenas de classificar pautada somente no “conteudismo” [[2]](#footnote-3). Nas escolas, há uma grande preocupação com a quantidade daquilo que se aprende e pouquíssima preocupação com a qualidade, ou seja, com as diretrizes capazes de acelerar o aprendizado para distanciar assim o indivíduo da marginalização social.

Para Freire, (1996, p.43) “é pensando   criticamente  a  prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.  Esse é o verdadeiro ato de pensar avaliação, pois é agindo assim avaliando sua própria prática que educadores passarão a entender o verdadeiro sentido da avaliação.

 Ao usar estas palavras “na qualidade     não  vale  o  maior, mas o melhor, não o extenso, mas o intenso, não o violento, mas o envolvente, não  a  pressão, mas  a   impregnação.” (DEMO, 1994, p. 36) também expressa com bastante clareza o que é qualidade em educação, a mais intensa dedicação do professor, as mais envolventes aulas e conteúdos para que assim cresça o amor e todos os indivíduos sejam impregnados por uma educação de qualidade. Uma educação transformadora desenvolve no aluno a capacidade de pensar criticamente, de problematizar os fatos, agindo e interagindo na sociedade na qual vive com outra perspectiva, capaz de afirmar diferenças e não ficar ileso às decisões. Por isso “o papel da educação é um fator de mudança na sociedade que tende a formar bons cidadãos, cientes de seus direitos e deveres perante a sociedade” DEMO (1994, p.20).

Segundo Freire (2001, p.25) “a educação não é transferência de conhecimentos, mais criação de possibilidade para a sua própria produção ou construção”. Educação é política e que se constrói num trabalho lento e duro, enfrentando muita adversidade, descaso dos governantes e muito pessimismo generalizado.

Segundo Luckesi (2001, p.28), “avaliar é um ato amoroso e que torna os alunos em indivíduos iguais e com direito de aprender as mesmas coisas”.

Em uma sociedade que produz e necessita de alienados, a educação e a mídia vêm cumprindo a função de transformar o aluno em um ser que possui desprezo pelo conhecimento, cheio de indiferenças, com espírito crítico paralisado e sem a menor condição de observar sua realidade imediata, sendo a mesma apresentada como algo estático, acabado e impossível de ser aperfeiçoado.

Vinculado a esse fenômeno de castração de idéias está à concepção acumulativa do conhecimento, chamado de concepção bancária por Paulo Freire, (1984, p. 80), que consiste em acumular informações sem analisá-las, produzindo uma supervalorização da memorização, reforçando a ruptura entre o conhecimento e sua relação entre os fenômenos. Outro estímulo é a nota e a competição individual. Assim o aluno se sobressai para receber a aprovação e a consideração dos professores e pais, impedindo o coletivismo autêntico em uma sala de aula, preparando-o para adaptar-se em uma sociedade que prevalece o egoísmo, onde triunfam os mais aptos, contribuindo para o fracasso sistemático dos alunos das classes mais baixas que refletirá em sua colocação na sociedade.

A prática educativa tem respondido eficientemente às exigências e expectativas dos grupos e classes sociais, cujos propósitos são antagônicos em relação ao tipo de homem a educar e às tarefas que este deve desempenhar nas diversas esferas da vida prática. O saber com que a escola trabalha é um saber pronto, organizado e que pertence às elites, que dificultam a verdadeira educação para cidadania.

É preciso que o professor forme uma atitude crítica em relação aos objetivos a serem atingidos, concorrendo para uma total democratização do saber escolar. Suas convicções políticas e pedagógicas precisam ser claras, visando formar cidadãos ativos e participantes na visa social, que saibam relacionar o domínio do conhecimento elaborado e habilidades, com as lutas sociais pela melhoria da qualidade de vida, além de promover a democratização desse conhecimento. Uma sólida preparação cultural e científica do aluno possibilitará o desenvolvimento de suas capacidades físicas e mentais e o colocará nesse patamar.

**2.3 Os** **resultados da avaliação e a postura pedagógica**

Segundo Candau (1989, p.14) “A prática pedagógica possui em si uma dimensão político*-*social.”. O sistema escolar precisa saber qual é a finalidade da avaliação, visando o que e a quem pretende atingir com o ensino, emerge assim a postura político-pedagógica do professor.

Para ligarmos a teoria e a prática foram investigados oitenta e sete (87) professores que trabalham diretamente com alunos, através da aplicação de questionários com perguntas abertas sobre o tema da avaliação, dos quais quarenta e três (43) devolveram devidamente preenchidos os questionários. São professores que atuam em quatro (04) escolas periféricas do município de Francisco Beltrão,

Partiu-se da constatação da formação profissional do professor. Indagou-se aos quarenta e três (43) docentes qual era a sua escolarização, trinta e quatro (34) representando setenta e nove por cento (79%) responderam que concluíram o curso superior em pedagogia e nove (09) professores, representando vinte e um por cento (21%), que possuíam o curso superior em outra área. O que Vasconcellos cita, ainda é uma realidade.

“Um dos problemas que se observa na formação dos professores é que na graduação até que se tem dado uma concepção teórica adequada do que deve ser a avaliação: contínua, diagnóstica, abrangente, relacionada aos objetivos etc. No entanto, por um lado, falta a crítica à realidade atual. Por outro lado, até como reflexo da anterior, faltam indicações de mediações, de formas de concretizar uma nova prática de avaliação, falta clareza do que fazer no lugar da antiga forma de avaliar.” (VASCONCELLOS, p.15 s.d.)

Em função de sua formação teórica desvinculada da prática, o professor nem sempre consegue constatar o desenvolvimento da aprendizagem de seu aluno, quais suas experiências, como fazer o processo dialético entre esse seu saber popular e o saber científico. È necessário que ocorra efetivo planejamento no ensino, com uma visão não distanciada dos problemas culturais da vida moderna, torna-se difícil a proposição de educar pessoas quando o educador não conhece sua principal tarefa, a de integrar o indivíduo com o meio social, pois “a escolarização visa dar ao aluno uma educação básica a que todo cidadão tem direito e dessa forma a seleção é uma violência a esse direito.” (LUDKE, 1994, p. 123,).

Para que a avaliação cumpra o seu papel é necessário dentro do possível, romper com currículos que apresentam conteúdos prontos, acabados; buscar soluções embasadas no saber elaborado, baseado na vivência do aluno, através do planejamento, da discussão dos problemas do meio com o cotidiano dos alunos. Ao selecionar conteúdos estabelecer os critérios que serão utilizados para avaliar e novas metodologias para melhor desenvolver os conteúdos propostos.

Perguntados de que forma o professor entende o processo de aprendizagem. As informações obtidas foram: através de conteúdos que entrem na realidade do aluno; tornar o aluno cidadão desperta-lo para a vida; fazer compreender a matéria de forma correta e satisfatória; uma aula bem preparada; indicar caminhos para o crescimento intelectual; passar o conhecimento para o aluno tornar-se um cidadão crítico e consciente com base nas suas experiências.

Falta ao professor, além de uma postura política pedagógica, compreender o processo da construção do conhecimento. O ensinar aparece como função da escola, destacando a importância de que o aluno realmente aprenda.

Os elementos para avaliação devem ser tirados do próprio processo, do cotidiano, da construção e produção e conhecimento do aluno. Nessa abordagem o professor usa a avaliação contínua, que reorienta o processo de construção do conhecimento pelo aluno, serve para ver os pontos em que há bloqueios nesse processo de construção e ajudar a solucioná-los.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 diz:

 Art. 24. V- a verificação do rendimento escolar observará o seguinte critério:

a) “A avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.”

Nesse prisma, a avaliação torna-se um instrumento que auxilia o professor e principalmente o aluno, a conhecer suas possibilidades de crescimento, valorizando seu desempenho, maturidade e originalidade, deixando de lado a idéia de classificar os alunos e de desperdiçar o grande potencial humano. A LDB mostra-nos que a avaliação não é um fim, mas sim um meio pelo qual o professor diagnosticará as possibilidades de crescimento do aluno.

É preciso que os alunos tenham a chance de serem avaliados de diferentes formas, em outros ambientes como em laboratórios, salas de convivência, biblioteca, aulas-passeio, gincanas e outros promovendo o desenvolvimento do sujeito.

O professor deve mudar a postura diante da avaliação; rever sua prática pedagógica, colocar o conhecimento para transformação social; trabalhar com assuntos não alienantes, visando a formação integral do sujeito; são importantes as provas, porém não devem ser estáticas e técnicas, devendo valorizar o aprendizado como base para adotarem uma postura de evolução intelectual; porem não devendo se prender só com provas, mas diversificar a forma de avaliação, relatos, dramatizações, pesquisas, avaliação oral, desenhos, maquetes, exposições, relacionados a fatos atuais e de sua vivência; nas provas diversificar as questões; completar, pedir desenhos, enumerar, copiar, partir do texto, associar, produzir um texto, palavras cruzadas, Verdadeiro ou Falso e outras. Atribuir maior nota às questões dissertativas; usar prova de consulta, não como cópia, mas com reflexão, pesquisa, investigação e maturidade; realizar avaliações em dupla, com consulta, em grupo; usar avaliações interdisciplinares; elevar os condicionantes sócio-afetivos, procurando integrar o aluno; organizando constantemente reuniões pedagógicas para a busca de soluções. Nesse processo fazer uso da troca de experiência entre os professores é muito importante.

Buscou-se saber como é realizada a avaliação dos alunos. As respostas também demonstraram o conhecimento teórico da avaliação. Acreditamos que alguns já utilizam adaptadamente esta postura, porém não na íntegra. Voltamos a dizer, sem um posicionamento do professor consciente como auxílio na transformação social e rompendo com o currículo propriamente dito, será difícil avaliar de forma satisfatória os seus alunos. As respostas obtidas sobre o processo de avaliação foram: Contínua, avaliando antes e depois de explicar o conteúdo; avaliação considerando as particularidades dos alunos (sócio-afetivas econômicas); através das aulas, exercícios, comportamento e avaliações escritas, participação.

 A avaliação que o professor faz baseia-se na sua concepção do processo ensino-aprendizagem. Com o uso da avaliação contínua o professor tem a oportunidade de auto-avaliar sua prática e o desenvolvimento de seus alunos.

*“*A transformação na avaliação educacional só é possível se crermos que a real mudança realiza-se quando se persiste em alcançá-la.” (SOUZA, 1994, p. 08)

A avaliação como um processo de construção do conhecimento deve ter clara a necessidade de retomar as dificuldades dos alunos. Deve garantir a efetivação da aprendizagem, especialmente daqueles que possuem maior dificuldade. Daí a importância da recuperação no ato de ensinar.

A avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos. (VASCONCELLOS, p. 33, s.d)

Todos os alunos têm capacidade de aprender, só que com desenvolvimentos diferentes. O não sucesso é um forte indicador de que ainda não se chegou à solução necessária da problematização. Serve de ponto de partida para o avanço na investigação ou na busca da satisfação de uma necessidade.

A recuperação deve ser iniciada em sala de aula, através de uma atenção especial, uma assistência diferenciada, individual para orientação se possível com o auxilio do psicopedagogo. Esse acompanhamento fará com que o aluno que possui dificuldades possa ser diagnosticado e trabalhado. Para isso o professor deve ser um perito em diagnosticar e saber orientar para a efetivação da aprendizagem. Sempre que o aluno estiver disposto a recuperar-se, o professor deve dar-lhe esta oportunidade, avaliando o amadurecimento do aluno.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 diz:

 “Art. 24. V- a verificação do rendimento escolar observará o seguinte critério:

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

Além da postura sócio-política do professor, conhecer como ocorre o processo de aprendizagem, outros fatores também contribuem para a reprodução do sistema de avaliação, e entre as dificuldades encontradas pelos professores pesquisados destacamos a quebra de valores, a perda de autoridade dos pais, políticos, professores, etc., desvalorização da escola, alunos inconscientes dos motivos da sua estada na escola. O professor perde a ação frente a essas questões, pois desses alunos surge a indisciplina, alunos cada vez mais mal educados e irresponsáveis. O que temos observado é que as famílias estão perdidas, não estão sabendo lidar com situações novas: pais trabalhando fora o dia todo, pais desempregados, brigas, drogas, pais analfabetos, pais separados e mães solteiras. Assim cabe ao psicopedagogo intervir junto à família desses alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem, através de anamnese com essa família para tomar conhecimento de informações sobre a sua vida orgânica, cognitiva, emocional e social. O que a família pensa, seus anseios, seus objetivos e expectativas com relação ao desenvolvimento de seu filho também são de grande importância para o psicopedagogo chegar a um diagnóstico.

Segundo Bossa (2000,p.75) , o termo aprendizagem, com o qual trabalha a Psicopedagogia, “remete a uma visão de homem como sujeito ativo num processo de interação com o meio físico e social”, em cujo processo interfere seu equipamento biológico, condições afetivo-emocionais e intelectuais.

Envolver a família tornando claro aos pais e alunos quais os critérios de avaliação que estão sendo adotados poderá de certa forma a contribuir para o processo de aprendizagem, levando os pais a acompanhar o desenvolvimento do filho. Ainda articular ações entre a comunidade e a escola com campanhas, palestras, visitas, passeios, vídeos e exposições para complementar o trabalho pedagógico aproximando a família da escola poderá servir de apoio ao desenvolvimento da aprendizagem.

Quando o fracasso escolar não está associado às desordens neurológicas, o ambiente familiar tem grande influencia nesse fracasso. Concordamos com Souza (1994, p.58) quando dizque fatores da vida psíquica da criança podem atrapalhar o bom desenvolvimento dos processos cognitivos, e sua relação com a aquisição de conhecimentos e com a família, na medida em que atitudes parentais influenciam sobremaneira a relação da criança com o conhecimento.

 “Toda aprendizagem é uma aventura psíquica. Projetar-se no novo pode causar medo.” (DAVIS, p. 37, 1991). Quando ocorrem problemas familiares, econômicos que atingem a afetividade, a pessoa está em um momento de fragilidade pessoal, precisa fazer um esforço enorme para se manter e organizar uma série de áreas de sua vida.

Quando o professor estabelece laços afetivos com seus alunos, levando em consideração o contexto em que vive sua clientela, refletirá no conteúdo e na sua habilidade de ensinar. O professor precisa estar disposto a aconselhar, a ensinar coisas práticas da vida. Ensiná-los serem bons em um mundo tão cruel. Conhecer a família deve ser um dos pontos chaves para sua ação com sua clientela. A relação professor-aluno é fundamental, capaz de deixar marcas no indivíduo por grande parte da existência. O trabalho do professor deve estar voltado para a formação do homem, sua ação como ser que modifica o meio, voltado também para princípios éticos como dignidade, honra respeito, verdade, coletividade, solidariedade, compromisso e o seu desenvolvimento cognitivo.

## 2.4 A importância do TUTOR como mediador diante da avaliação

 A função do tutor diante a avaliação é de observar e avaliar qual a verdadeira necessidade do aluno e atender aos seus anseios.

 Segundo Gomes (2001), a avaliação formativa, o processo de comunicação e interação, mediatização dos conteúdos e o sistema de preparação e acompanhamento de alunos e professores são também destacados e discutidos como importantes aspectos a serem considerados no planejamento da modalidade do curso em EaD ,entende-se que o avanço das tecnologias possibilitam a interação de mídias,proporcionam variadas possibilidades de estudo ao aluno,atendendo às diferentes formas de aprender.

 No entanto, é claro que as tecnologias por elas próprias não dão conta de garantir a aprendizagem, assim, a preocupação da avaliação com a abordagem educacional é fundamental.

**3 Considerações Finais**

Este artigo foi redigido com a finalidade precípua de suscitar algumas questões sobre a avaliação. Assim terá cumprido sua função se contribuir para o entendimento que as graves dificuldades em avaliar não serão superadas de modo pontual ou por meio de soluções aparentemente novas. Como se vê, a busca da melhoria da qualidade de ensino e a solução dos problemas passam por muitos caminhos, desde a recuperação de prédios e construção de espaços específicos, reequipamento das escolas e salas de aula, chegando aos processos educativos. Queremos, entretanto, enfatizar neste momento, os caminhos internos à própria escola, ou seja, os caminhos voltados para os professores e seus parceiros imediatos de trabalho, pois vislumbramos aí espaços de alteração e de enfrentamento da realidade como dado fundamental a ser assumido para o trabalho educativo de boa qualidade e o estabelecimento de uma escola cidadã.

 Quando aqui citamos a avaliação como mediação, nos referimos a qualquer tipo de instituição e tanto presencial como em EaD,

  Como educadores, devemos repensar sobre a nossa atuação, rever criticamente a nossa forma de ensinar, refletir sobre nossos paradigmas e sermos capazes de, sem negarmos que uma mudança social se faz necessária, tentarmos introduzir atividades práticas que possam fazer alguma diferença dentro da sala de aula e que possam atenuar e aliviar o sentimento de fracasso do professor, da escola e de nossos alunos. O ensino voltado para a transformação supõe a adequação metodológica às características sócio-culturais e individuais dos alunos. Um ensino de qualidade baseia-se em uma investigação minuciosa e reflexiva dos fatos sociais do cotidiano e do meio cultural do aluno para a escolha dos conteúdos, de forma crítica e rompendo com o currículo, visando preparar o aluno para ser ativo em sua prática social, deixando o senso comum aos conhecimentos científicos.

 A avaliação deve atingir todo o processo educacional, professor, currículo, Projeto político da escola, direção, escola, alunos, pais, no intuito de reflexão podendo contribuir para uma avaliação da atuação do educador.

É necessário que entendamos que avaliar é mais do que corrigir provas, um ou dois trabalhos. Esses tipos de avaliações quantitativas não conduzem a lugar algum no processo de ensino/aprendizagem a não ser fornecer, à equipe pedagógica do colégio, aos pais e à sociedade, uma medida de conhecimento adquirido, a nota.

Sabemos que a educação não é uma prioridade de nossos governos; não há respeito pelos docentes e o magistério, quer com um salário digno, quer com respeito à educação e seu trabalho, será difícil encontrarmos de forma pontual escolas fazendo um trabalho adequado e desenvolvendo propostas pedagógicas baseadas no conhecimento atual das diferentes ciências sociais e aplicadas, porém não podemos consentir que os alunos permaneçam sendo avaliados de forma tradicional, oferecendo uma educação sem compromisso com as classes menos privilegiadas.

**Referências**

BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

BRASIL. **A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** **9394/96**. Brasília, 1996.

CANDAU, Vera M. **A Didática em Questão**. Petrópolis: Vozes, 1989.

DAVIS, Cláudia et all. **Psicologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. 2 ed.Rio de Janeiro:DP&A ,2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LUCKESI*,* Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**, São Paulo, Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

LÜDKE, Menga & MEDIANO, Zélia.  **Avaliação na Escola de 1 Grau: Uma Análise Sociológica**. 3Ed. São Paulo: Papirus, 1994.

SOUZA, Clariza Prado. **Avaliação do Rendimento Escolar**. 3ª ed. São Paulo: Papirus, 1994,

SOUZA, M. A.**Queixa Escolar na Formação dos Psicólogos**: Desafios e Perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

VASCONCELLOS, J. **A Concepção Dialética- Libertadora da Avaliação Escolar**. São Paulo: Libertad s/d.

1. ¹Graduada em Administração de Empresas pela UNIPAR- Universidade Paranaense- Pós Graduada em Gestão de Pessoas pela UNIPAR.

²Ivo José Both. [↑](#footnote-ref-2)
2. Termo que a autora utilizou para explicar a estrutura reprodutora que vivemos há décadas, repleta de conteúdos desnecessários e que existem porque ainda estão baseados no poder das notas. [↑](#footnote-ref-3)